



A CASA DA
BRUXA
CONTOS, MINICONTOS E POEMAS

VOL. VI

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-48985-8

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A SENHORA DA FLORESTA, POR ALAN CAMPOS ARAÚJO, PÁG. 05
PRÉ-MUNIÇÃO, POR ANA CARVALHO, PÁG. 11
CALEB HANIEL - SEU NOME ERA CAÇADOR DAS SOMBRAS, POR BRUNO DE CÁDIZ, PÁG. 14
A ÚLTIMA MISSÃO, POR CARLOS CUNHA, PÁG. 19
A MAGA VERMELHA E A DAMA DE PRETO, POR DIEGO NIET, PÁG. 24
ABRACADABRA!, POR FERNANDA PIRES SALES, PÁG. 27
PARCERIA FRUSTRADA, POR GABRIELA ELISA, PÁG. 29
NA FALTA DE MAGIA: NOSTALGIA, POR GABRIELA ELISA, PÁG. 31
BOO!, POR GIGI PEREZ, PÁG. 33
A BRUXA, POR LUCIENE GUISONI, PÁG. 35
A SERVIÇO DO MAL - PARTE 1, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 37
A SERVIÇO DO MAL - PARTE 2, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 43
VENTO QUE RENDE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 50
UM DRAGÃO CHEGANDO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 52
AINDA CONTAM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54
REFLEXO DA MALDADE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 56
A LENDA DA DAMA DO LAGO, POR SOPHIA ROSSI BARBOSA GALLO, PÁG. 58
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 61



A CASA DA
BRUXA

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS

VOL. VI

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A senhora da floresta

Por Alan Campos Araújo

Doutor em Comunicação, estudante de jogos digitais e professor da Unicap.

E-mail: alancampos1965@gmail.com

Instagram: [alan_camposaraujo](https://www.instagram.com/alan_camposaraujo)

A Senhora da Floresta desperta ao tocar o chão gelado da noite adormecida quando sai da casa solitária para colher frutos caídos da Terra. No caminho, há folhas, gravetos e animais cuja moradia subterrânea os olhos não encontram — eles não a temem. Os seres da floresta repousam sob arbustos e plantas rasteiras, apesar da pouca movimentação ainda se pode ouvir a quebra de galhos finos e secos pela ventania matinal. Há um torpor estático entre as árvores, como se bocejos fantasmagóricos tivessem seus sussurros congelados pela calma da manhã. A Senhora para, interrompe o som dos passos para preservar o descanso das árvores. Ela se entorpece quando os raios de sol, ainda cinzas e frágeis, tocam o punho bem abaixo do seu manto escuro — que cobre todo corpo e se curva no pescoço para lhe cobrir o rosto. O tecido é leve, feito por mãos tão habilidosas no ofício quanto sumidas dos livros de história, mas envelhecido e com pequenos rasgos oriundos de galhos pontiagudos. Dentro dele, o corpo da Senhora é recolhido em rugas na testa, altura consideravelmente alta em comparação com as outras pessoas que ela já viu, pernas firmes de ossos resistentes e rosto de expressão límpida cujas décadas de trabalho não se revelam em sua aparência, mas na silenciosa coreografia realizada a cada vez em que é despertada.

Ela se abaixa, e leva um pouco da terra fofa ao seu nariz. O barulho quase insignificante das pequenas folhas secas misturadas com o solo fungado sugere um trabalho a ser feito. Os dedos longos e descarnados são tocados pelos fiapos lisos dos cabelos escuros da Senhora quando ela abre a palma da mão para a terra voltar ao chão. O estralar dos dedos, ao ponto em que destina a limpeza da mão também funciona como um eco para a manhã descongelar a face mortuária da floresta. O calor afugenta os pingos da sonolência noturna. O despertar das árvores, a canção das aves, o amolecer do solo e o erigir das sombras, a clarividência do ar, o rastejar das criaturas, a suavidade dos riachos. A Senhora se sente jovem, de joelhos no chão, ela sorri de volta para a floresta e, atrás de si, um jovem cervídeo afunda seus cascos na umidade do chão e cruza entre duas árvores de troncos espessos e lenhosos. O animal respira profundamente no ritmo contemplativo de seu caminhar, seu focinho encontra o véu soturno da Senhora, e ele se aproxima de uma distância segura, onde a cheira. Ela diminui a respiração e a deixa baixinha: por um breve instante, ela retorna ao mistério do sono, até que sente seus cabelos esvoaçarem uma última vez com o bafo do cervídeo que logo dá as costas e some, deixando a Senhora no acordar da mata.

Um fruto cai e rola até os joelhos dobrados da Senhora, ela sorri ao apanhá-lo e saboreia-o com o louvor e a dignidade de quem desconhece outro afazer. A perna direita ergue o joelho, a mão se apoia num tronco próximo, a Senhora sente, ao se endireitar ereta, os últimos fios de cabelo se confundirem com a sujeira da terra. O vaivém das articulações mistura o ar com poeira, o véu da Senhora é erguido por suas mãos e ela caminha lentamente para frente. A floresta expande-se em sorrisos cavernosos e folhas caem da copa das árvores; do alto, pássaros observam a figura atravessar a paisagem com os cabelos rasgando o ar: seu andar hipnotiza a atmosfera. A senhora flui entre árvores com a veemência da luz que precisa encontrar o solo para fertilizá-lo com as promessas de dias tão caridosos quanto necessitados. O espelho do céu atenta-se para a missão do dia e a Senhora segue para as bordas da floresta.

O calor do céu ziguezagueia pelos grandes refletores e espelhos ornamentados enquanto o tropeçar de barulhentos e aberrantes sons compõem o ir e vir das pessoas que tocam o chão alvejado, que de tanto ter sido operado de suas manchas permaneceu com a cor cinza-elefante, pois a cidade de hoje não passa de uma desculpa para as pessoas chegarem a diferentes lugares o mais rápido possível. Na claraboia do dia, o passeio de pessoas pelas curvas urbanas se estrutura pelo enrijecimento dos movimentos desde já calculados nas mãos que conduzem veículos através dos buracos e das avenidas curvilíneas: pais levam filhos para a escola, mães correm pelos atalhos da cidade no intuito de chegar cedo ao trabalho, e o cheiro da cafeína se une ao fedor de fossas de chorume nas bordas do meio-fio. Centauros de aço berram enfileirados e apertados como sardinhas ainda vivas que desejam escapar de seus túmulos de metal para morrer no ar livre da metrópole. Nas veias hipocondríacas do labirinto alvejado, ainda algumas poucas árvores insistentes. O anjo da manhã assopra o vento e faz o fruto cair no concreto já quente do calor. O impacto amassa e os dias conduzem a roda do tempo a apodrecer o fruto doce numa mancha escura. Ninguém limpa. O concreto é roído pelo contato com a morte e adquire um odor tentador para larvas e vermes da Terra cuidarem dos restos amassados: Um banquete, e os trabalhadores do mundo cuidam para que nada impeça a consumação da gema desse fruto quase não mais açucarado.

Nas relvas desse mundo, onde uma ampla avenida de tráfego de seis faixas para os mais diversos veículos faz fluir uma borda que protege e acolhe a concretude da cidade, a Senhora, quietamente, compenetra seus olhos, dentre os últimos galhos da floresta, na visão dos capôs e semáforos. Ríspido é o asfalto e quente é o passo da Senhora, que,

conforme seus pés cruzam a avenida, os carros, respeitosamente, freiam e interrompem a circulação do fluxo naquela manhã. Tão quieta é a cena, que as cabeças dos carros notam o cabelo de cor igual ao véu sutilmente faiscar-se em suas pontas ao tocar o concreto sangrento de calor. Mesmo que nenhuma troca de olhares aconteça, o súbito disparo de freios faz com que alguns volantes rodopiem os carros na estrada e se entulhem uns aos outros. A Senhora é indiferente a essa recepção de derrapagens, até que um dos quebrares de vidro a sua frente cospe um homem branco no chão quente. Ela se aproxima do rosto marcado por uma linha de sangue e de cabelos castanhos, e nota alguns pedaços de vidro — ela toca-os com suas mãos ressecadas e quase não mais sujas de terra. Os dedos circulam as bochechas e deslizam pelo queixo quase como uma carícia de ninar, mas os olhos manchados de vermelho vinho não despertam, e o rosto da Senhora esconde seu movimento numa prece silenciosa, onde a ternura dos dedos cuidadosos não corresponde ao olhar vazio que encara o jovem morto.

Bonito o céu sem nuvens quando este vê pessoas rodeando a Senhora com seu paciente. Mas a gentileza logo se transmuta na solidão da obra quando o manto escuro se levanta e volta a serpentear pela avenida, fazendo com que as alas de corpos deem espaço para a dama de preto voltar para a quentura do asfalto. O caminho que se segue é simples e sem muitos obstáculos, para além dos eventuais carros e travessias de ruas tumultuadas. Algumas pessoas preferem se afastar da visão da Senhora, outras olham curiosas para o manto longo de véu descoberto, crianças apertam a mão das mães - conseguirão elas se deitarem em nuvens tranquilas no mergulho da noite?. Rostos apontados para tarefas distintas não cruzam os afazeres na condução do cotidiano, as veias das mãos são as veias da cidade que assentam seus cuidados naquilo que é previamente intuído pelo coração. A Senhora também não deseja passar mais do que o necessário para sua missão, e mesmo que ela desejasse compreender melhor as feitura do povo do chão alvejado, nada pareceria capaz de alterar as eventuais marchas para o seio da cidade.

O sol começa a cair. Os ventos selváticos conduzem até o jazer da mancha que antes havia repousado o fruto, a Senhora sente sua obra mais próxima do concreto: ela se abaixa e recebe as últimas sombras do dia: seus dedos tocam o concreto e ela cheira a marca. Ao virar o rosto para sua direita, ela vê uma pequena guarita de um prédio de 12 andares no meio de dois portões de ferro, não há ninguém no seu horizonte. Ela atravessa a rua envolvida no roxo quase escuro dos raios solares, em sua mão se encontra o fedor

deixado pela consumação dos vermes da terra. Ela pisa na entrada do prédio e olha para dentro da guarita — lá dentro, um homem de pouco mais de 40 anos sorri de forma tímida para a presença do rosto da dama. A Senhora puxa os olhos do homem para sua mancha fétida na palma da mão e ele acaba por deixá-la entrar no prédio. Dias de jornada caminham para um momento de descanso e compostura zelosa na cadeira de espera no hall do elevador: a Senhora medita após colocar seu véu e cruza os braços, o tempo congela e o silêncio subtrai seus pensamentos do cansaço do dia. Um calor súbito percorre o corpo quando a Senhora abre os olhos e se dirige para o elevador, mas rapidamente muda de ideia e toma as escadas ao fundo. O ritmo de subida é contemplativo, como se fosse uma procissão de uma única mulher, o mármore dos degraus parece absorver qualquer som dos passos e a Senhora não saberia dizer por quanto tempo seu manto atravessou a escada com seu gesto de quase levitação.

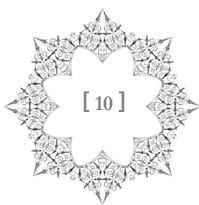
Ela para no sexto andar, procura o número 612 e bate na porta com a mão fétida aberta. Ao abrirem a porta, a Senhora retira o véu. Um homem jovem, branco, de sobranceiras grossas e cabelo castanho se espanta com o véu descoberto da mulher com rugas na testa e expressão apática. "É hora de ficar", ela diz. O homem pergunta se pode levar algo e ela acena com a mão dizendo que não. O homem engole no seco e esfrega seu rosto com a mão que segura um celular. Ele dá um passo adiante e fecha a porta atrás de si, seus lábios não se aquietam e sua garganta treme de medo. A senhora pega o celular na mão dele e joga no chão, depois dá as costas, segurando o manto com o braço direito até se afastar, e o homem a segue — ele não ousa se aproximar do manto no chão. A Senhora anda como se flutuasse e o homem hesita o passo a todo momento e, no meio da rua, ele, ocasionalmente, olha para trás apenas para ver algumas pessoas observando nas portas de suas residências. O medo dele em continuar caminhando faz com que a visão de trás seja estranhamente reconfortante: crianças se apoiam no rosto e observam junto com seus pais de algumas janelas iluminadas. Todo o caminho de volta é atravessado pelo mesmo percurso da ida, e a Senhora se surpreende com poucas marcas do acidente na avenida, apenas umas poucas marcas de derrapagem de pneus próximas do túmulo accidental do jovem morto, ela olha para trás e vê seu novo paciente com lágrimas no rosto enquanto os dois adentram na floresta.

O jovem sente a densidade do ar cair sobre seus ombros a cada vez que seu pé afunda na terra escura. Ele treme de frio e medo ao ver a casa de madeira, seus olhos não seguram as lágrimas e sua garganta parece querer vomitar saliva. A senhora nota o

transtorno e adocica seu olhar ao encarar o rosto trêmulo do seu convidado. Ela se despe do manto, revelando um vestido roxo amarronzado e um colar cujo símbolo o homem desconhece, os cabelos escuros caem sobre os ombros e ela se aproxima e sussurra no ouvido dele, "Esse mundo não é para seus olhos". O peso nos ombros se transforma num estranho conforto de confusão e ele mal percebe que sua mão está sendo conduzida para a casa pela Senhora. O ranger da madeira ao entrar na morada é o único barulho próximo. Dentro da casa, uma mesa com ferramentas cujo nomes ainda não existem, um caldeirão empoeirado com cheiro de jasmim, o homem olha para cima e vê uma abertura para o céu: nenhuma estrela, algumas nuvens e uma brisa gentil lhe toca o rosto. Seus lábios ondulados são acariciados pelo nariz pontiagudo da Senhora, o rosto é aquecido pelo sopro de ar da boca dela. Os olhos dançam pendulam entre fechar e abrir e ele escuta uma voz.

Fria é a noite, profundo é o mundo com suas raízes entre floresta e ar, o dia descansa enquanto cultivamos seu cuidado. É função da moleira orientar as estações pela dureza do inverno, mas é na aberrância da primavera que o fruto deve ser apreciado em todo seu sabor oriundo da obra. Eu subtraio seus olhos da visão e deixo-os jorrar para fora do rosto como rasgos estelares. Esses ombros estão cansados de vestirem essa couraça protetora, com está ponta eu extingo a pele que o separa da verdadeira vida e deixo seu suco fluir por seus contornos até esquentar meus pés e o chão da Terra. Que a carne faça seu propósito de impedir o ressecamento do mundo e que a água seja doce, amena e carregada de providência. Saboroso é o céu por nos servir de teto ante o assombro do universo e caridoso o dia em que a luz se fez como gesto. Receba o ser para torná-lo verbo da sua vontade sobre nosso destino, de hoje até o rachar do solo e o desabar do céu. Expurgue o miasma da casa e realinhe os ciclos partidos em prol do seu afazer perante a Floresta e seus aléns. Esqueça de si. Com estes dedos eu cesso seus ouvidos desse mundo, lentamente se dissolva no fundo de sua aparência e abra-se com o que restar para os mistérios infinitos do tempo. Do silêncio do cervo até a largura da sujeira, é hora de tornar-se. Receba-nos de braços famintos.

Na manhã seguinte, a Senhora cava buracos, planta seus ossos e diante de si vê a Floresta como uma lembrança de tempos imemoriais de que a obra nunca cansa de ser cumprida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pré-munição

Por Ana Carvalho

Baiana, neurodivergente. Professora-autora de Literatura e Artes, autora do Livro "Elas por Elas", coautora do livro "Clandestinos", autora de série de ensaios didáticos sobre Identidade Nacional.

No futuro a voz que deverá ser ouvida terá nome redundante
Dois nomes próprios
As sandálias de dedo
O cigarro orgânico
Provavelmente vegano
Naturalmente não depositará sobre solo
Nenhuma quinquilharia que valerá a lágrima de Cordal
Obviamente tudo filmado
Porque o despretensioso precisará vir acompanhado do ar desligado
De alguém filmando em plano sequência
Virtude será tascar reclamação diante de trabalhadores numa orquestra
Violentar a gramática virará revolução
O anarquismo das leis prescritivas
Bom mesmo será saber que a violência dos violentos se justificará na paz que eu não quero ter
O cala a boca trará um sofisticado gesto delicado de você não faz parte de nós.
Um grupo de pelegos cantando um hino de revolução
Não valerá os falsetes do cara
Matarão um cachorrinho
Tigrado, magrinho, carinso
O bicho voltará a ser gente
Há que se ter cuidado com isso
Que se chama gênero humano
Brincar perto da Faixa virará massacre
A paz se disfarçará de bebida energética
Li o texto de insônia de Clarice
O óbvio tem que ser dito
Porque a sensação de importância de alguns é só impotência
O nada, o mar, a terra sendo só dela até que alguns acordem
Me faz celebrar
Amanhã, Clarice, estaremos em sono profundo acordados

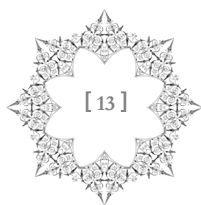
Nada será nosso

Tudo será velho

E celebrado como se fosse

A coisa mais inédita do planeta

O show requeentado do mais novo astro da canção já nascerá velho.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Caleb Haniel

“Seu Nome era Caçador das Sombras”

Por Bruno de Cádiz

Escritor por hobby, que deseja expressar e mostrar sua criatividade e o seu jeito de escrever. Por muito tempo cultivado em leitura (de forma natural) ganhei a vontade de escrever minhas obras. Elevando este pequeno hobby talvez como algo profissional, mais que é para artisticamente criar histórias.

Era tarde da meia-noite numa região assolada e solitária, em algum lugar da velha Bulgária; lá havia sussurros sobrenaturais e movimentações nas matas e florestas sombrias. Lentamente em uma cabala de bruxas, com galhos retorcidos que formava seu lar amaldiçoado de bruxaria, no total havia oito delas. Reunidas sob a fogueira de vinha em forma do grande Baal; levando com elas por ciúmes, pequenos e rosados bebês recém-nascidos, que choravam tão alto quanto a primeira fagulha de vida do universo. Com as crianças, via uma mocinha pequena e assustada, usando trajes falhos e segurava uma das crianças com medo e tentava acalmá-las. As oito bruxas começariam a acender a fogueira, enquanto algumas delas tentavam acalmar aquelas pequenas crianças levadas em sua visão, apenas para não chamar atenção. Ao redor daquela clareira de vinhas e galhos retorcidos, havia pequenos seres deformados e hostis, rosnando como cães de guarda ao redor, protegendo como se fosse seu pequeno santuário de maldições. As bruxas preparam a fogueira, que era mediana, e colocaram fogo e as labaredas se levantaram de tal forma magicamente, que se assemelhava aos fornos malditos da velha Canãa decadente e, excitadas pela ideia, as bruxas começaram a iniciar o ritual.

— Hoje, irmãs, venho a vos para testemunhar a antiga glória de Baal. — Anunciou a grande irmã bruxa, no centro da fogueira, erguendo seus braços ao céu escuro da meia-noite, com trajes finos, expondo seus seios pequenos e a pele rosada pintada pela lama e pela tinta. Seu rosto ocultava seus olhos pela tinta preta e em sua cabeça, havia pequenos chifres de cervos. — Sacrificai não apenas as crias de Eva, submissa, devota e rebelde. Mas as crias, daquelas que traem a grande magia, que fazem a natureza uma aliada; e não um instrumento do destino. Portanto, esquecei de qualquer compaixão, pela magia somos as tais governantes do próprio destino, então que comecem!

As demais bruxas clarearam em ardor, e se despiram de roupas, começaram a dançar ao redor da fogueira, lentamente seus corpos esbeltos ficaram flutuando como penas ao vento. Elas deliraram e gemiam alto, chamando por fim as trevas que ali rondava. Continuaram em grande êxtase por longos minutos, até a figura da fera de fogo surgir entre as chamas.

Elas desceram suavemente para o chão, seus pés tocando a grama fria e negra, a figura de Baal nas chamas; como um grande cão negro e chifrudo, suas mandíbulas escancaradas. Se alimentando do terror e malícia.

— Trouxestes a mim o veredito? — Clamou ele com sua voz poderosa como um raio.

— Sim, meu senhor... aqui está. — Disse a grande irmã, trazendo o primeiro recém-nascido que não parava de chorar de medo e saudades de sua mãe.

— Perfeito... o som de sua agonia, é o meu alimento. — Respondeu Baal com prazer em sua voz de fogo. — Darei a vocês o que desejarem de meus poderes.

— Fazemos em seu nome. — Jurou a grande irmã, carregando o bebê para a boca de fogo de Baal.

Imediatamente, uma flecha disparada de longe na escuridão feriu a mão da bruxa, largando a criança na grama macia sem machucar. A grande irmã gritou de dor, Baal viu isso e se enfureceu, os seus cães guardiões começaram a procurar o invasor; e imediatamente foram mortos, um por um, pelas flechas rápidas e invisíveis do atacante misterioso. As bruxas, assim como a grande irmã, ficaram horrorizadas e atentas com suas visões na busca pelo invasor, mesmo nuas elas não sentiam vergonha em procurá-lo pelos arbustos nessa situação. Rapidamente a primeira foi flechada com um disparo, a segunda resolveu atacar, e teve sua garganta cortada com uma espada. As outras ficaram assustadas e ficaram ao redor da fogueira, sob a proteção de Baal, e, uma sombra, uma silhueta se moldou na frente delas. Com capa preta, uma bandana escura-cinza, roupas sagradas da mesma cor. Portando uma espada e uma flecha, elas logo o viram e soltaram um gemido de profundo horror.

— Caçador das sombras... — Gemeu a grande irmã, juntando coragem para poder contra-atacar, e ela ordenou, mesmo com o ferimento em sua mão. — Mate-o!

— Mate-o! — Ordenou também Baal.

As irmãs restantes atacaram, usando adagas cerimoniais e feitiços, o caçador das sombras esquivou e cortou elas rapidamente com sua espada, fincou uma flecha em sua testa. Mesmo sendo cortado levemente pelas adagas das demais, o caçador foi vitorioso e

sacou uma segunda espada. E jogou numa irmã que se acovardou e fugiu. Sua espada fincou em suas costas e a levou a morrer na grama fria e negra.

Sobrando apenas a grande irmã, que assistiu incrédula o fim de sua cabala tão rapidamente, Baal furioso lançou suas bolas de fogo de sua boca maldita, e o caçador sacou sua cruz dourada. O mártir, era seu nome, adornada em ouro, rubis e esmeraldas, refletiu o golpe de fogo e devolveu para Baal que gemeu de dor e fúria. A figura de fogo começou a dissipar e jurar maldições.

— Maldito caçador! — Exclamou Baal com raiva, gritando aos céus noturnos. — Farei que pague caro! Sua alma irá alimentar os mil fossos de fogo e das florestas negras da agonia! O lixo lhe espera! E eu também!

Então ele desapareceu no fogo e foi se apagando; a grande irmã gritou em frustração e caiu de joelhos. Ela reuniu suas mãos em clemência para o caçador que se aproximava.

— Por favor... poupe-me... eu juro. — Disse ela em voz de lamento. Enquanto o caçador se aproximava, ela sentiu o frio frescor de sua lâmina em sua garganta, e ela viu seus olhos cor verdejante.

— Que Deus lhe dera descanso. — Respondeu ele com sua voz pesada e flagelante, assim ele fincou sua lâmina em seu peito. A matando ali.

A grande irmã caiu na grama e seus olhos se viraram para dentro do crânio, agonizando com sangue saindo de sua garganta. Logo o caçador pegou o pequeno bebê chorão na grama, ele se acalmou e um som infantil, alegre e medroso se confortou em seus braços. Ele atravessou o campo e libertou a mulher, que carregava as outras crianças, ela agradeceu ao olhar para ele, por mais que ela devesse o temer.

— Filha da natureza. — Disse o caçador. — Aqui vejo que és boa de coração, então retorne para onde veio com as crianças, está sob minha proteção.

— Obrigada...

Os dois com cuidado levaram as crianças de volta para o vilarejo, andando cuidadosamente pela mata negra e pelo escuro, algumas horas se passaram e o dia começava a florescer no horizonte daquela região, agora livre das sombras. O caçador guiou a jovem para perto de uma velha casa no vilarejo, carregando os bebês em seus braços e numa pequena trouxa em suas costas.

E deixando as crianças com a jovem moça.

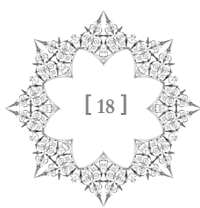
— Novamente, obrigada... — Agradeceu a jovem. — Ouvi sobre você, guerreiro da luz, aquele que caminha nas sombras... o caçador nas sombras. — Conversava a jovem moça com olhar agradecido e confuso. — Mas... como soube que eu estava aqui?

— A quem eu sirvo, age de maneiras misteriosas. — Respondeu o caçador misteriosamente. — Saiba que agora, você está segura e qualquer mal que virá, irei mantê-la segura. Mas, meu dever me chama para o leste, então devo partir.

— Eu... posso saber seu nome? — Perguntou ela de maneira suave e necessitada. — Será que... eu irei ver você algum outro dia?

— Talvez... — Disse o caçador se virando para ir embora. — Caleb... Caleb Haniel, é o meu nome.

Assim, ele andou para fora do vilarejo, enquanto o sol nascia, desaparecendo nas sombras da floresta. A jovem moça sorriu levemente e agradeceu mentalmente, seja a natureza ou o Deus que ele segue, ela se sentiu feliz e voltou para dentro com as crianças e sua vida pacata e tranquila. Se perguntando para onde o caçador iria, mas era natural, a presa chama atenção do caçador, e ele a segue. Pela luz e pela sombra, ele continua seguindo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A última missão

Por Carlos Cunha

Carlos Cunha é um aspirante a escritor nascido em Curitiba que, surpreendentemente, ainda não foi abduzido para nenhum dos mundos distópicos que cria nas horas vagas. Quando não está escrevendo ou lendo ficção científica e fantasia, pilota, com razoável (ou sofrível?) destreza, o perfil literário @que_o_satelite_lhe_seja_leve, enquanto planeja sua aposentadoria

A aposentadoria é um momento desafiador para qualquer um, mesmo para uma infame bruxa como Norma. Após uma longa vida de sortilégios e poções ela decidira, finalmente, que era hora de pendurar a vassoura, apagar o caldeirão e repousar suas habilidades mágicas.

É claro, uma preparação era necessária. Ela havia poupado recursos financeiros (mesmo bruxas precisam de dinheiro) e mágicos para essa fase de sua vida. Ela não prepararia mais poções, não faria encantamentos e nem aceitaria clientes. Contudo, achava que o que havia economizado seria o suficiente para manter sua vida confortável até seu final.

Pois é, ao contrário da crença geral bruxas não são imortais. Claro, elas conseguem estender muito seu tempo de vida, excedendo em muito o de uma pessoa sem poder mágico, com a vantagem de manterem a juventude. Norma era uma bruxa já bem velha, com alguns séculos na conta, e estava um pouco cansada daquela vida, com suas atribuições no coven e a correria do cotidiano.

O primeiro desafio havia sido convencer sua superior. Para sua sorte, ou azar, as duas tinham um vínculo grande, de longa data.

— Por favor Dora, nunca te pedi nada! Eu já dei, *literalmente*, meu sangue por esse coven. — Norma gesticulava mais e mais. — Tô cansada, quero aproveitar o que me resta de tempo.

— Norma, você ainda vai viver muito tempo, não é como se você estivesse com o pé na cova. Além disso, você sabe como as atividades aqui são desafiadoras. Preciso de você comigo — Dora explicava, ou tentava, pacientemente, como que para uma criança.

— Dora, você tem dezenas de outras bruxas pra te ajudar. Minha ausência nem vai ser notada. Poxa, quebra essa pra mim.

A bruxa chamada Dora suspirou. Norma sempre fora determinada, até um pouco demais. Mas também era uma de suas amigas mais antigas e queridas. Alguém por quem Dora possuía um carinho diferente. Ela pensou. Por fim, falou:

— Tudo bem, Norma. Vou te conceder a sua aposentadoria. A primeira que concedo em séculos, que fique bem claro.

— Aí sim! Nunca te critiquei. — Norma deu um gritinho e saltou sobre Dora, abraçando-a.

— Espere um pouco para se animar. Tem uma condição — replicou a líder, tentando se desvencilhar do abraço.

Maria fez um muxoxo. Estava bom demais para ser verdade.

— Tá, fala logo, que condição é essa?

— Você vai ter que buscar um artefato mágico para mim. Ele está em um coven vizinho, há 15 dias de viagem. E antes que você me pergunte, não, não tem mais ninguém para fazer isso — se apressou em dizer, ao perceber que Norma iria protestar. — É uma viagem razoavelmente perigosa e uma bruxa novata teria dificuldades em cumprir a missão.

E não houve o que se fazer. Norma argumentou, mas os ouvidos de Dora estavam moucos ante as lamúrias. Ela teria que cumprir aquela última tarefa. E, convenhamos, era um preço pequeno a se pagar pela liberdade que viria.

E Norma se preparou. Seria uma viagem de 30 dias, ida e volta. Provisões para a marcha, meios de criar abrigos quando não houvesse estalagens, seu grimório com as magias preparadas. E, claro, seus livros e anotações. Não parecia ser, no final das contas, uma viagem tão ruim assim.

E não foi. Apesar das dificuldades que encontrou pelo caminho, em especial aquele grifo errante e a esfinge que bloqueou temporariamente seu caminho, Norma não achava que havia sido, de fato, necessária uma bruxa de seu gabarito para aquela tarefa. Uma iniciante teria dificuldades, claro, mas poderia cumprir a missão.

Ao chegar ao coven de destino, pediu para falar com a matriarca. Quando ela chegou, fez a reverência que mandava a etiqueta, uma mesura bastante complicada com a cabeça.

— Estou aqui a pedido da Grande Dora, matriarca do Coven da Lua. Vim buscar um artefato solicitado por ela — afirmou, em tom solene.

— Sou a matriarca Ellie. Você deve ser Norma, correto?

— Sim sou eu. Não sabia que era esperada nominalmente.

— Dora me falou muito sobre você. Mas isso não vem ao caso. Venha, preparamos aposentos para você. Descanse da viagem e falaremos do artefato amanhã.

Maria foi conduzida por duas acólitas até um chalé, levemente afastado do centro do coven. Lá havia um quarto, uma sala/cozinha e um banheiro com banheira cheia de água quente. As acólitas se despediram com acenos, sem palavra, e deixaram Maria sozinha.

Ela observou os aposentos. Eram simples, mas bem cuidados e limpos. Tudo parecia bem novo. A banheira estava convidativa e a cama arrumada. Norma gostou, era

um lugar bem aconchegante. Já que estava ali, decidiu se banhar e dormir. Parecia que a última vez que dormira em uma cama decente havia sido séculos atrás.

Despiu-se e entrou na banheira. A água estava quente, o ambiente pesado com o calor e o vapor. Não demorou e logo adormeceu. Acordou com a água gelada e a noite alta, porém ela não sentia frio. A cama, estranhamente, estava brilhando.

Norma saiu da banheira. Vestiu um roupão que estava pendurado em um gancho na porta. Dirigiu-se, intrigada, até a cama e viu que um orbe totalmente liso brilhava, em tom azulado. Era experiente o bastante para saber que não deveria tocar num objeto claramente mágico, que surgisse do nada em um quarto que ela não conhecia, enquanto estava num coven que não era o seu. Pensando nisso e em como seria imprudente fazer aquilo, tocou no orbe.

A luz azulada a envolveu. Ela ainda estava no chalé, mas parecia estar além do véu da realidade. Uma voz veio de trás dela.

— Eu não te ensinei que não deveria tocar em objetos mágicos que você não conhece?

Era uma imagem astral de Dora. Ela não estava de fato ali, mas se comunicava com Norma à distância.

— Ensinou sim. E sim, você me contou inúmeras vezes a história do gnomo, seu amigo, que tocou num baú e sofreu com uma Palavra de Morte. Mas, imaginei que você havia me mandado aqui exatamente para tocar nesse orbe.

— Sim e não. — Dora apontou para o orbe, sobre a cama. — O orbe não é o que importa, na realidade. Percebi que você é uma parte importantíssima no coven e, num primeiro momento, não queria te liberar. Porém, você é uma parte ainda mais importante da minha vida. E não seria justo te privar de seu sonho

Dora fez uma pausa. Norma percebeu que a parte mais importante viria agora. Decidiu não interromper.

— Eu preparei essa Casa. Ela fica num coven amigo e se destina exclusivamente a você. Aqui dentro você terá tudo o que necessitar, para qualquer atividade. Basta desejar e os arranjos, mágicos ou não, serão providenciados. Enquanto você estiver aí dentro, terá pouquíssimas preocupações.

— Pera, então não posso sair daqui?

— Claro que pode. Você não é nenhuma prisioneira. Pode sair quantas vezes quiser, ir para lugares, conhecer pessoas. Mas, quando precisar de um lugar para voltar, pode usar essa Casa. Ela é sua.

Preparar algo daquela magnitude demandava muito poder.

— Você pensou nisso tudo para mim?

— Claro que sim. Como eu disse, você é parte importante na minha vida. E se há alguém que merece esse prêmio, por séculos de dedicação a nós, esse alguém é você.

Norma estava emocionada. Nunca fizeram nada parecido para ela antes. Não sabia se de fato merecia tudo aquilo.

— É claro, vai poder nos visitar sempre que quiser. — Dora rompeu o silêncio. — Sei que tem muitos planos de viagens, de atividades, pessoas para conhecer. Mas saiba que aqui sempre será seu coven. Eu sempre serei sua amiga. Sentirei sua falta.

Norma secou uma lágrima. Olhou para a imagem espectral de Dora. Ela parecia chorar também. Havia uma pergunta que precisava fazer. Antes da despedida.

— Dora, você me disse que essa Casa pode me conceder praticamente tudo o que eu necessitar, correto?

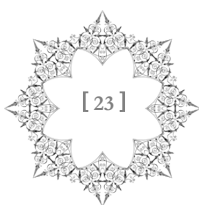
— Sim, correto.

— Existe algo que eu necessito muito. Será que a Casa pode me conceder?

— Acredito que sim. O que seria essa necessidade?

— Você.

Dora sorriu. Maria também. Ambas choravam, mas de alegria.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A maga vermelha e a dama de preto

Por Diego Niet

Diego Neto da Silva Niet, filho da Terra do Sol, Fortaleza, no coração do Ceará. Ele é um escritor de ficção e tragédia, instigado pelo desconhecido, entusiasta de OVNI's, do sobrenatural, das histórias contadas e também das não contadas. Autor de Berenice e o mundo secreto de Brynjolf, selo independente. @diegonsniet

Pelo bosque Seresvale, caminhava numa manhã de domingo solitária, a jovem Heaven. Era solstício de verão, os raios do fulgurante sol penetravam entre os espaços das árvores e o bosque era banhado com luz intensa, agraciado com os cantos dos pássaros, presença de pequenos bichos e noárs¹, que faziam o máximo possível para permanecerem censurados aos olhos da jovem transeunte.

Subitamente, como magia, entre o corredor de árvores que esboçavam um caminho a seguir para um lugar qualquer, a jovem avistou uma figura encapuzada em mantos negros, uma mulher, seus longos fios negros pareciam flutuar enquanto caminhava devagar até à jovem ruiva. Heaven paralisou aguardando a aproximação da figura misteriosa, a brisa que soprou, acalmando as expectativas da jovem, também mostrou-lhe que a presença repentina da dama de preto era uma manifestação de sua vontade, finalmente ela a encontrou, pois caminhava na escuridão.

A bela manhã de domingo representava apenas um vago e breve momento de paz na vida de Heaven, pois a destruição se espalhava à sua volta, era uma luta que ela não poderia vencer. Assim, a dama de preto materializou-se em seu caminho, dos confins das matas escuras da floresta sul, ela veio visitá-la e trazer esperança para seu coração cheio de amargura.

— Sábia maga vermelha, seu coração se enche de dúvida, está afogada em aflição. — a mão escondida sob a luva escura de veludo acariciava o rosto e tocava os cabelos cor de fogo da jovem.

— O inimigo bate à nossa porta, sedentos por nosso sangue, em breve tomarão o reino. A irmandade dos homens fracassou, seus irmãos os traíram e vão matá-los, sem nenhum remorso deles mesmos ou de um Deus. — falava a bela ruiva à sua companhia matinal de rosto ainda coberto, com um sorriso enigmático e voz que ecoava em sua mente.

— Os homens foram tolos, eles acreditaram na compaixão de seus inimigos, chegaram a um ponto de derrota iminente, pois eles preferiram se ajoelhar em vez de agirem contra eles. Eu sei, sinto sua ira ávida para erradicar esse desperdício de vida. Porém, conhece os teus inimigos ou não sabes o que enfrenta? — Heaven cessou a balbúrdia e gritaria dentro de si, finalmente seu coração se acalmou e ela iniciou sua projeção sobre o caos que a aguardava.

— Uma batalha selvagem, de princípio indubitável e fim incerto. Onde os homens são reduzidos a bestas indomáveis, o estigma de suas almas.

— Dama, tenho medo, eu confesso. Não se vá, estenda sua mão para que eu possa descansar aqui em tua presença.

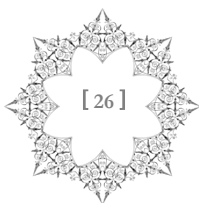
— Tenha fé, maga. Acredite, quando precisar de mim, esteja certa de que eu não estarei longe. — as palavras da dama de preto ecoaram com tanta força na mente da maga ruiva que num baque fez-se distribuir por todo o seu corpo, enchendo seu coração de vida. Heaven manteve o silêncio e observou a dama se virar e iniciar sua caminhada para os confins de onde saiu, o olhar da maga ainda acompanhou seus passos pacatos até o capuz negro desaparecer.

As trombetas soaram anunciando as tropas do inimigo no horizonte, próximas aos portões do castelo da montanha. Heaven ficou ao lado do seu rei, aquilo continuava não sendo uma tarefa fácil, segurou sua mão firmemente ao observar seus fiéis homens no salão, novos corações encontrados pela sábia maga ruiva, cada um deles resgatados pelas palavras de Heaven inspiradas naquele encontro de um dia radiante, disposto a enfrentar o inimigo, a maga ruiva cravou dentro de si a certeza de que não estava sozinha.

As forças do reino de Unula sucumbiram e a guerra se estendeu por todas suas terras, o silêncio tomou conta de sua língua, mas na sua cabeça estavam as palavras sábias da dama de preto, elas jamais foram esquecidas, pois a maga bebeu profundamente delas, e sua coragem foi tomada como prêmio.

— É chegada a hora de um apocalipse em sua vida e na vida deles, um novo ciclo se abrirá em breve. A chama queimará com veemência e as cinzas voarão, sussurrando aos quatro ventos as boas novas da purificação que estará por vir, só então, o homem conhecerá a verdade.

1: Palavra para denominar pequenos seres e sua vastidão de espécies e raças, podendo ser, duendes, fadas, gnomos de jardim, tardos, devas e até mesmo uma raça específica de troll.





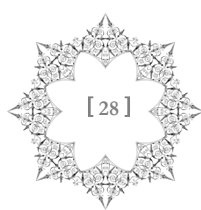
A P R E S E N T A M O S O
M I N I C O N T O

Abracadabra!

Por Fernanda Pires Sales

Fernanda Pires Sales (@andromedapoeta1979) é uma professora e escritora carioca. Lançou em 2005 seu primeiro livro individual, "Reflexos" (poemas), e tem diversas participações em antologias literárias. Curte ser seduzida por desafios e novidades!

Corcunda, sem dentes, olhos esbugalhados, longos cabelos brancos e desgrenhados. O velho e rasgado vestidinho maroto de sempre. "Ah, que pomposa verruga!" E se olhou extasiada no espelho: "L I N D A !!!" Toca o interfone. "Abracadabra! Pé de cabra! Vapt vupt! Filho de Adão que lute!" Num passe de mágica, irresistivelmente sexy Sombria ficou. "Apps de encontro providenciais!", pensou. Os feitiços encomendados pelas filhas de Eva não podiam mais esperar. Precisava de olhos soberbos de macho alfa, língua afiada de misógino, pelos pubianos de cafajeste...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Parceria frustrada

Por Gabriela Elisa

Gabriela Elisa é bióloga e professora. Vê a literatura como um escape à realidade, uma arte que transcende séculos e obstáculos. Gaúcha, nasceu no município de Carazinho e desde muito cedo gosta de ler e escrever.

Nunca imaginaria eu, bruxa sagaz
A situação desoladora a qual entrei
Apaixonar-me por um príncipe
destinado a ficar com outrem

Ter de ajudá-lo em seu império
Organizar seus impertérritos
Andar lado a lado
Enquanto ele conduz com mão de ferro

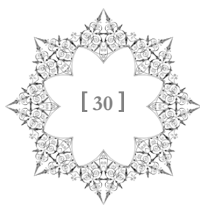
Quisera expandir minha parceria
ou que houvesse alguma magia
Capaz de aliviar minha agonia
e trazer o enlace que eu tanto gostaria

Mas predestinado desde o nascimento,
a uma princesa ele está
E de nada adianta eu possuir minha magia
já que a honra e disciplina não me a deixam usar

Agora terei que ver o enlace de ambos
e auxiliar em seu reinado
Não como alguém que anda lado a lado,
mas sim que está por trás dos panos, no encalço

Nunca passarei de uma assistência
Usando poções e mágicas
para o poder do reinado manter

Mas realza era o que eu queria mesmo ser
Para que ao lado do meu rei
meu trono pudesse também ter.





A P R E S E N T A M O S O
M I N I C O N T O

Na falta de magia: nostalgia

Por Gabriela Elisa

Gabriela Elisa é bióloga e professora. Vê a literatura como um escape à realidade, uma arte que transcende séculos e obstáculos. Gaúcha, nasceu no município de Carazinho e desde muito cedo gosta de ler e escrever.

Tanto caminhado, tantas histórias e feitiços acabados e concluídos. Talvez o seu último, tenha sido o seu único erro, e isto de fato, acabou sendo seu fim. Perdeu todos os seus poderes e além deles, só tinha a si própria. Quem via-lhe outrora jamais imaginaria que estaria hoje assim. Nos tempos em que a bruxaria lhe dava mãos de ferro, igualmente nunca imaginaria que o mal também se abateria sobre ela. Como se diz, o feitiço “finalmente” virou contra o próprio feiticeiro. “Finalmente”, como se fosse algo pelo qual ela pudesse esperar, mas, que de fato, nunca aceitou a possibilidade. Enquanto conseguia manter-se jovem, com a força retirada do coração de tantas outras, foi possível permanecer neste mundo. Após isto, os anos dourados tinham realmente passado. E nada restava-lhe, se não aceitar o próprio fim e a decadência inerente que vinha com ele.

Seus poderes lhe tinham sido tirados, e a sua força tinha ido embora. Irônico o fato, de uma prática a qual dominava há séculos, ter sido a fonte de seu erro. Em um feitiço mal executado, perdeu tudo. Ao tentar dizimar outra semelhante, não estava tão preparada como pensou e se dizimou. O duelo que perdeu, a varinha que se partiu. O encanto que acabou e a magia que a abandonou. Restava-lhe somente lembrar-se dos tempos passados.

O início simples na floresta, as poções nos caldeirões de ferro, os feitiços que criou e todos que desde muito cedo executou com maestria. Os séculos que se seguiram, as coroas e corredores de ouro, os reinados que dependiam de seus poderes e os que dizimou quando estava contrariada. Tanta glória contra tanta pequenez, batalhas ganhas e perdidas de acordo somente com sua vontade, sem depender de nada mais. Agora dava-se conta de que ao experimentar o que é o poder, desaprende-se a viver sem ele.

Agora ela estava apenas sobrevivendo. Buscando os retalhos que lhe sobravam, com a magia esvaída de si. O que lhe restava agora, na falta da magia, era apenas a nostalgia. O desejo de poder voltar ao seu início na floresta, aos seus caldeirões e ervas, experimentar seu apogeu e a sensação de que seu auge chegaria.

Talvez esse sempre tenha sido seu destino: conhecer a magia para morrer na nostalgia.





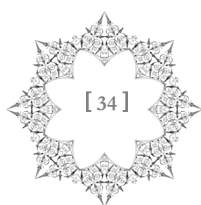
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Boo!

Por Gigi Perez

Gislaine Nascimento Da Silva Perez - Gigi Perez, nasceu em 10/04/1966, em São Paulo - SP. Casada, mãe de dois filhos, filha de mãe baiana e pai sergipano, com descendência afro-indígena, possui um grande amor pela natureza, é urbana e utiliza a tecnologia a seu favor. Designer formada pelo Centro Universitário Belas Artes SP, mestra e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC SP. Atua como artista visual, criando artemídia com seu resíduo doméstico, transformando o usual em estranho, chama a atenção do espectador para o consumo e descarte consciente.

Boo!
bruxa
à solta!
ventos fortes
barulho enorme
borbulhas negras mar adentro
explodem... boom... boom... boom!
tinge, impregna e escorre rio abaixo,
sufoca e transborda, invade a mata verde,
que num instante se transforma num amarelo flamejante,
que arde e queima, fere e mata a vida na mata vermelha sangue,
assombra e assusta... boo!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A bruxa

Por Luciene Guisoni

Licenciada em história pela universidade estadual de Goiás - Campus Anápolis. Membro da UBE - União brasileira de escritores - seção Goiás. Coordenadora da Casa Chico Xavier para estudos em iniciação filosófica-Silvânia/GO. Professora e autora de artigos e livros.

Bailarina eu fui.
Coreógrafa também.

Festivais eu dancei.
Viagens realizei.

Troféus eu ganhei.
Elogios colecionei.

Escola de Ballet montei.
Várias alunas matriculei.

Um dia algo aconteceu.
Uma bruxa apareceu.

Na calada da noite sua vassoura usou.
Rasgando o céu um plano elaborou.

Para famílias ligou.
Mensagens passou.

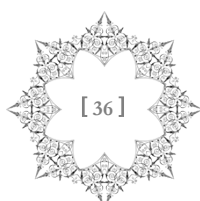
Invenções falou.
Gritou, esbravejou e minha escola esvaziou.

Por fim, o ballet acabou.
A bruxa se realizou.

Para outros palcos eu fui.
Porque o fim não chegou.

Meu sucesso continuou.
Minha dança se elevou.

A bruxa envelheceu.
E seu mal apodreceu.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A serviço do mal

Por Roberto Schima

Parte 1

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos" etc. Participou de trezentas e sessenta e seis antologias. Contato: rschima@bol.com.br

O Mal não despetala a flor de suas ilusões: ele a arranca de você pela raiz até nada restar além de um solo estéril onde nada mais vingará.

(Reverendo Thomás Gustav Kraemer, Ordem Dominicana)

O Grande Inquisidor, Reverendo Thomás Gustav Kraemer, entrou em um dos salões do castelo reservado pelo Rei Adolf III para o seu uso particular. Era lá que exercia a burocracia de suas funções clericais, conforme determinada pelo Tribunal do Santo Ofício.

Sentia-se exausto nesse final de tarde, após percorrer todas as formalidades e ritos necessários à execução de mais seis bruxas do condado na praça central da aldeia. Cofiou a longa barba, conforme era o seu costume.

— Dezoito — murmurou para si, satisfeito. — Já foram dezoito.

A princípio, assim que chegara à região pouco mais de um mês atrás, fora difícil controlar a turba que clamara pela inocência de todas as mulheres capturadas. Acusara, aprisionara e torturara as infelizes. Pesava sobre elas, principalmente, o crime de haverem pactuado com o demônio no sentido de fazer desabar uma feroz tempestade sobre a lavoura do soberano. O granizo acarretara perda quase total das plantações. Em vão foram as súplicas desesperadas por inocência. Entre outras infrações apontadas, figuravam a prática de curas mágicas, o vôo montado sobre vassouras ao redor das torres do castelo, o desvio dos homens à luxúria, a prática de bestialidades e o rapto de crianças para sacrifícios na floresta. Durante os interrogatórios, após serem penduradas sob cordas, mergulhadas no rio, terem seus dedos esmagados ou feridas sob a ponta de um ferro ardente, todas confessaram sem exceção. E, assim, tiveram o justo castigo destinado às servas do diabo: a fogueira.

Kraemer precisara berrar e enfatizar a plenos pulmões ao populacho:

— Pecadores, temam ao Senhor! Vejo aqui que o Mal tem a capacidade de enfeitiçar até os espíritos mais inocentes ao seu favor. Aqueles que insistirem na ausência de culpa das concubinas de Satanás — que este homem de Deus, após laborioso e sagrado esforço, descobriu em benefício das terras de Sua Majestade, o Rei Adolf III —, incorrerão na grave suspeita de serem cúmplices das feiticeiras. Serão desapropriados de suas terras e estarão passíveis de penalidades semelhantes as delas. O Martelo das Bruxas prevalecerá!

Assim, as inúmeras vozes foram pouco a pouco caladas.

Felizmente, pois, hoje, o martírio fora particularmente dramático. A execução contara com duas anciãs, duas irmãs e mãe e filha. A lenha úmida custara a queimar; e, elas, a morrer.

Todos assistiram em silêncio, exceto pelo pranto incontido de algumas crianças, parentes das rés provavelmente.

O fogo purificador fizera o seu trabalho; trouxera o calor e a luz, afugentando o frio e as trevas.

"E a luz era boa...", pensou o inquisidor.

As colunas de fumaça ascenderam ao céu.

"Das cinzas às cinzas..."

Ao todo, dezoito bruxas incineradas. Seis a cada dia.

O dominicano esperava condenar mais algumas antes de partir, duas pelo menos para, assim, completar vinte, um número redondo conforme apreciava. Sabia que não encontraria dificuldade, afinal, uma delas já estava bem ali no salão. E esperava que as cerimônias subsequentes se processassem sem turbulência.

Respirou fundo e sentou-se na cadeira de espaldar alto e estofamento de couro. Embora fosse dominado pelo alívio por haver cumprido mais uma etapa em sua perseguição ao Mal, não se podia deixar de sentir igualmente estafado. Na maior parte da vida, empreendera longas e solitárias viagens em suas caçadas por toda a Europa Oriental. Por diversas vezes, fora alvo de emboscadas nos trechos mais sombrios das estradas e, não fosse pelo grupo de soldados que servia-lhe de guarda-costas, teria sucumbido muito tempo atrás. Mas a Divina Providência sempre estivera ao seu lado, dando-lhe proteção e completo aval na execução de sua santíssima missão. Respirou fundo, apanhou a pena e o frasco de tinta. A seguir, passou a escrever o seu relatório em uma das várias folhas de pergaminho sobre a escrivaninha.

Ainda podia sentir o cheiro acre da fuligem e da carne queimada impregnando-lhe as narinas e sua indumentária preta e vermelha. Mandaria lavá-la assim que possível, logo após cumprir mais uma tarefa, enquanto saciava seu apetite durante o jantar. Quanto aos derradeiros gritos das hereges, continuariam a ecoar em seus tímpanos por mais algum tempo. Mas não passariam de um coral na igreja de sua mente, um cântico a elevar seu espírito às esferas celestiais.

— "... às esferas celestiais..." — repetiu o pensamento em voz alta. — Essa expressão dará um belo acréscimo ao meu livro.

Sim, havia anos preparava um volume em pergaminho de suas memórias. Na maior parte, tratava-se de transcrições de seus relatórios, escritas sob a forma de um diário, floreadas um pouco mais aqui e ali a fim de enaltecer-lhe o mérito. Imaginava-se saudado e celebrado pelas gerações futuras como um salvador de almas, um intelectual, um libertador e protetor da Santa Madre Igreja. Talvez erigissem estátuas de mármore em seu nome. Suspirou. Contudo, seus devaneios foram bruscamente interrompidos.

Uma criada apareceu do interior de um corredor escuro. Era muito jovem e tímida.

— Vossa Reverendíssima — disse ela num quase sussurro.

Kraemer não deixou de observar-lhe o vão entre os seios quando a mulher curvou-se numa mesura respeitosa. Embora utilizasse um vestido sóbrio, saia longa e pesada, mangas até os pulsos e lenço nos cabelos, os trajes dela mais sugeriam do que ocultavam-lhe as formas. Isso, somado ao medo evidenciado pelo leve tremor das mãos pequeninas, tornavam-na involuntariamente provocante. Inocência e sensualidade eram duas misturas explosivas, um contraste perigoso e arrebatador. O inquisidor engoliu em seco, mordendo de leve o lábio inferior. Sentiu o familiar calor repentino brotar-lhe na virilha. O cansaço evaporou-se por um instante.

"Quem sabe mais tarde..."

Por enquanto, ordenou:

— Traga-me a refeição agora, minha filha.

— Sim, Vossa Reverendíssima — respondeu, curvando-se novamente.

"Sim, sim... Será esta noite sob os lençóis. Afinal, qualquer mulher deste lugarejo fará de tudo para não ser acusada de ser um súcubo. De tudo..."

Após ter concluído o seu relatório sobre as execuções do dia, o jantar foi servido em uma comprida mesa de madeira no centro do salão: faisão assado, pão fresco, ensopado de carne, cenouras e ervilhas, maçãs, uvas e laranjas.

— Necessitarei de seus serviços mais tarde, minha cara. — Esteja a disposição.

— Si-sim, Vossa Reverendíssima — falou a jovem criada, receosa, franzindo o cenho.

Enquanto saboreava a carne — e como se fosse um pensamento súbito — o inquisitor olhou para um canto ensombrado do salão e disse em voz alta:

— Aceita um pedaço? O faisão está uma delícia: quente, macio, suculento. Foi temperado com as melhores especiarias.

Da figura maltrapilha presa a uma coluna, ouviu-se somente o tilintar das correntes que a prendiam.

O Reverendo Thomás Gustav Kraemer insistiu:

— Sei que tem fome. Há quantos dias não se alimenta? Dois? Três? Sinta o aroma... Vamos lá, pombinha, aponte-me mais algumas bruxas como você e poderá comer. Agora, não precisam ser muitas. Na verdade, sou tão generoso que contentar-me-ei com apenas uma.

Da penumbra, veio uma voz rouca:

— E somada a esta infeliz, serão duas... completando vinte!

O inquisidor foi acometido por um calafrio súbito. Acabara de dar uma bela abocanhada no faisão e o caldo gorduroso escorreu através de sua barba. Sentiu o naco formar um bolo em sua garganta e bebeu um generoso gole de vinho para forçá-lo a descer.

— O que foi que disse? — indagou, empáfia esmaecida.

Correntes rastejaram.

Estavam somente os dois no salão.

Um rosto macilento emergiu e recebeu a luz dos archotes.

A moça não devia ter mais de dezoito anos. A magreza fazia-a parecer mais jovem ainda. Seus olhos grandes e melancólicos refletiam pavor. As costas traziam as marcas do açoite. Suas mãos estavam retorcidas. Inspirou o cheiro da comida. A boca salivou.

— Nobre Inquisidor — falou numa voz aguda, hesitante e trêmula. — Eu não sei de nada. Sou apenas uma camponesa.

Ante a evidente submissão da ré, o clérigo recuperou o seu autocontrole. Estranho, aquela outra voz, não parecia a dela. Devia ser a estafa, com certeza, era obra do cansaço a afetar seus sentidos. Intencionalmente, fez ruído com a boca ao saborear o ensopado.

— É o que todas dizem: camponesas, apenas camponesas. Mas no esconderijo de suas casas preparam poções mágicas para destruir casamentos, envenenar pessoas de bem, transformar homens em feras!

— Nunca fiz isso, senhor! Colho ervas. Faço sopa. Preparo chá para combater o resfriado e fortalecer o corpo.

— O que você é já transitou em julgado. Temos a sua confissão.

A moça em prantos ergueu os pulsos.

— Violentaram-me... Quebraram-me as mãos!

— Temos a sua confissão — repetiu o inquisidor, enquanto mastigava. — A questão, agora, é outra. Você decidirá se escolhe uma morte rápida e indolor ou transformar-se-á em tocha como as outras. Dê-me um nome, criança, somente um!

Em vez de responder, a jovem falou:

— Somos uma aldeia pacífica, nobre senhor. Por que veio trazer-nos o Mal?

— Veja como fala! Seu fim pode ser mais doloroso e lento do que nas chamas. Engula a blasfêmia! Sou um mero instrumento de Deus. Vim a pedido de Sua Majestade, o Rei Adolf III, expurgar o Mal que contaminou seus servos e trouxe a desgraça dos céus sobre as plantações.

Um fiapo de ar frio insinuou-se sobre o salão, agitando o fogo nos archotes.

O timbre na voz da moça tornou-se mais grave novamente:

— E após destruir o Mal deste lugar, o que fará?

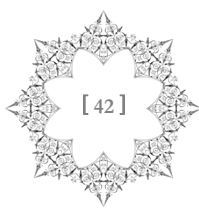
— Irei para outras aldeias continuar a limpeza.

— E depois de tudo estar limpo de todo o Mal, o que fará?

— Terei o reconhecimento de Sua Santidade e um lugar ao seu lado.

— E tendo o reconhecimento papal e uma posição junto a este, o que fará?

CONTINUA





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A serviço do mal

Por Roberto Schima

Parte 2

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos" etc. Participou de trezentas e sessenta e seis antologias. Contato: rschima@bol.com.br

O Grande Inquisidor, se percebeu a brusca alteração na voz da infeliz, não se deixou alterar dessa vez, atraído que estava pelo conteúdo daquelas perguntas. Tocava em seu crucifixo e o contato com o ouro e as pedras preciosas trazia-lhe segurança.

— Ah, bruxinha, quando o mundo estiver estirpado de todo o Mal, observarei o horizonte diante de meus olhos e, enfim, sentir-me-ei em paz.

A voz tornou-se mais rouca:

— O senhor, então, deixa um rastro de mortes para sentir-se em paz.

Kraemer, inquieto, confirmou.

A moça assentiu lentamente, ignorando o aroma da carne e seu próprio estado de penúria. Sequer a dor, agora, aparentava atormentá-la. Sentou-se e, mantendo seus grandes olhos fixos nos olhos do dominicano, falou, imperativa:

— Feche os olhos.

O clérigo voltou a sentir calafrio. Enquanto a comida esfriava, balbuciou:

— O-o-o que pretende?

Tentou erguer o crucifixo, contudo, tanto este quanto o braço pesaram-lhe feito chumbo.

A moça sorriu.

— Estou acorrentada, poderoso inquisidor. Nada posso fazer... Feche seus olhos!

O Reverendo Thomás Gustav Kraemer cerrou as pálpebras.

— Pronto. E daí? — conseguiu dizer.

— Deixe seu espírito abrandar. Sinta o peso de suas responsabilidades escorrerem de seus ombros. Imagine que nenhuma morte pesa sobre a sua consciência e nenhum grito perturba o seu sono. Repare na regularidade de sua respiração. Inspire e expire... Inspire e expire... Lentamente... Lentamente. Desanuvie a mente de todos os pensamentos, dos abusos que sofreu dos padres enquanto noviço, do desejo que nunca deixou de nutrir pelas mulheres, de suas idas às escondidas aos prostíbulos, das donzelas que, já sob as vestes de inquisidor, abusou, estuprou e depois matou. Livre-se dessas lembranças, de sua autorrecriação pelas incontáveis quebras do celibato, de sua devassidão transformada em acusação e ódio contra as mulheres. Liberte-se de tudo isso! Inspire e expire... Devagar... Aquiete-se. Veja somente a tela em negro no interior de seus olhos. O Vazio. O Nada que foi o princípio de Tudo. Isso, desse jeito. Agora, imagine um

ponto de luz em meio a essa escuridão, lá longe, bem longe, uma pequenina e solitária estrelinha...

Era como se nada mais existisse no cosmo exceto o salão, suas sombras, as chamas tremeluzentes, a temperatura a baixar e as duas figuras quase imóveis no palco de uma peça antiga.

Assim, prosseguiu a voz que emergia dos lábios da moça a falar de maneira insinuante, persuasiva, hipnótica, enquanto observava o poderoso inquisidor atender gradualmente ao que lhe era instruído.

Num canto estupefato do cérebro do clérigo, uma questão não deixou de ser feita:

"Como ela poderia saber?"

E a voz murmurou:

— A vida é tão passageira quanto a brisa a penetrar através das paredes deste castelo. Ela flui, sussurra, percorre lugares longínquos, ergue a poeira, causa arrepios, e, um dia, encontra o seu descanso. Concentre-se, nobre senhor, na quietude deste recinto, no teto sólido sobre nossas cabeças, na noite que chega mansamente por trás das colinas. Concentre-se na cadeira macia sobre a qual está sentado, aliviando-o da dureza e do frio deste piso. Concentre-se na visão de seus fiéis a aguardá-lo na austeridade da igreja. Concentre-se sobre todas as terras ao nosso redor, as quais não lhes pertencem, mas, pelo contrário, todos pertencem a elas, pois, como a brisa, partirão, e elas prosseguirão a fazer deitar os mortos pelas gerações sem fim. Concentre-se no luar a verter prata sobre as aldeias, os campos e os vales. Concentre-se nas corujas a sair de suas tocas e nos morcegos a abandonar as torres para caçarem no silêncio como se parte da noite fizessem...

Apesar de seu assombro, o dominicano alcançara o pleno relaxamento.

O olhar ferrenho da jovem prosseguiu sobre ele.

— Sentiu tudo isso, Nobre Inquisidor?

— Sim.

— Viu tudo o que mencionei diante da escuridão de seus olhos?

— Vi.

— E como se sente agora?

Kraemer hesitou por um momento e, por fim, mal conseguindo conter a própria língua, respondeu:

— Sinto-me em paz.

A cabeça da camponesa fez um sinal de assentimento.

— Então, abra os seus olhos.

Ele assim o fez.

Ainda aparentemente calma, a voz rouca arrematou:

— Agora, diga-me novamente: por que o senhor deixa um rastro de mortes?

A comida, completamente fria, foi deixada de lado.

Kraemer ergueu-se, caminhando em direção à mulher. Era enorme perto dela. Conseguiu levantar o crucifixo e segurou-o diante de si feito um escudo. Ignorou o fedor que vinha daquele corpo sujo e maltrapilho. Disse:

— Para alguém tão jovem, acha-se muito esperta, não é? Pensa ludibriar-me com seu jogo de palavras? A paz não existirá enquanto Satanás, seu séquito e discípulos não deixarem de existir. Entregar-me-ás um último nome para que, depois, eu possa deixar este lugar de tristeza infinita e retornar aos vinhedos de minha terra. Dezoito mulheres foram imoladas. Dê-me mais um nome ou outras dezoito perecerão!

— Sim, eu sei. Dezoito mulheres, seis a cada dia: seis, seis, seis... Algarismos reveladores.

A um passo da prisioneira, o inquisidor esticou o braço.

O crucifixo de ouro refletiu as chamas dos archotes. As gemas cintilaram feito estrelas.

— Como ousa, filha do mal? — vociferou o religioso.

Então, o extraordinário sucedeu-se: a jovem ergueu-se do piso gelado como se não mais sentisse dor alguma. Nenhuma dificuldade, nenhuma expressão de dor, nenhum sinal de fraqueza. Os olhos muito abertos naquele rosto de palidez cadavérica tornaram-se fulminantes e aterradores.

O crucifixo principiou a chacoalhar e Kraemer segurou-o com ambas as mãos. Porém, soltou-o em seguida como se o objeto estivesse em brasa. E a obra-prima de um ourives foi-se ao chão.

O rosto da jovem exprimiu um sorriso de triunfo.

— Precisa-se ter uma alma pura... e acreditar.

O inquisidor recuou, horrorizado. Esfregou as mãos e os braços ante o frio que tomara conta do salão. Um torvelinho pareceu se formar ao seu redor. O tremeluzir do fogo tornou-se frenético. Inúmeras sombras dançaram malevolamente.

O dominicano balbuciou sem convicção:

— Co-como ousa?

A voz que emergiu dos lábios da mulher era mais possante e cavernosa do que a voz do próprio Kraemer:

— CALE-SE! Agora foi a única vez em que esteve correto. Eu, de fato, tenho a ver com o mal. Não somente um mal, mas o Mal.

O homem tornou a recuar, boquiaberto, como se houvesse levado uma bofetada.

A coisa continuou:

— Sim, besta desgraçada, de todas as infelizes que condenou ao suplício, esta jovem acorrentada é a única da qual estou a me servir e a que menos merecia tal mister. E isso ocorre somente agora, por minha vontade. Acabo de chegar para a festa, por assim dizer. — Soltou uma gargalhada medonha. — Acha-se o intermediário de Deus sobre a terra? Supõe que Ele sirva-se de patifes? Oh, por vezes é preferível a sinceridade do Mal à hipocrisia do Bem, ou, pelo menos, do que diz ser o bem, segundo a sua concepção. Quantas atrocidades não foram cometidas em nome do Altíssimo? Não posso deixar de admirar a sua vestimenta: vermelho e preto. Sangue e morte. Cai-lhe bem, de fato. De todos aqueles aos quais referiu-se como discípulos de Satanás, você e outros de sua laia, têm sido os meus favoritos...

A expressão do religioso tornou-se um esgar.

— E-e-eu? So-sou um servo de Deus!

— Ah, sim... E aqui estou: o seu deus! Está ao meu serviço. Todavia, a sua vida útil nesta terra chegou ao fim. Vim buscá-lo. Não lhe será consolo saber que, para aonde vai, o que menos encontrará será paz, Reverendo Thomás Gustav Kraemer da Ordem Dominicana. Nada de vinhedos. Arranco a flor de suas ilusões pela raiz, fazendo restar somente o solo estéril onde, pela eternidade afora, nada mais vingará.

— NÃÃÃOOO!!! — gemeu o homem.

A temperatura caíra drasticamente e seus dentes batiam uns contra os outros. As juntas doíam. Nuvens de vapor foram expelidas durante a respiração.

O vento uivava.

Archotes apagavam-se.

A escuridão emergiu em ondas.

O dominicano, desesperado, rodou nos calcanhares e tentou fugir em direção ao corredor de onde viera a apetitosa criada. Porém, antes que pudesse atingi-lo, sentiu uma potente vergastada às costas que o fez estatelar ao chão.

A coisa que se apossara da moça partira a corrente e utilizara-a como uma chibata. Depois, os grilhões nos pulsos abriram-se como quê por magia e caíram próximos ao crucifixo. A seguir, a coisa dentro da jovem, cujas mãos não mostravam mais sinais de lacerações, segurou Kraemer e, como se este nada pesasse, ergueu-o para o alto, fazendo seus pés balançarem no vazio.

— Vamos, Nobre Inquisidor. Você, que gosta tanto de queimar, arderá em fogo brando para sempre. Aqui, os gritos das infelizes que torturou não lhe tiravam o sono? Para onde vamos, jamais conseguirá dormir e infinitos bramidos ecoarão por seus ouvidos, especialmente os seus. Ah, sim, agonizará de dor até o findar dos tempos. Mas, se algum consolo poderá trazer, eu afirmo: não estará sozinho, pois já levei o soberano, Adolf III, antes deste salão emergir. *Pares cum paribus facillime congregantur.*

O inquisidor quis chamar por socorro; sua voz, porém, pereceu com ele. E o corpo sem vida desabou e foi abandonado no piso de pedra.

O vento sumiu.

Os archotes reacenderam.

As sombras, enfim, recuaram.

A jovem piscou repetidas vezes e despertou, surpresa por se encontrar em pé naquele local, diante do cadáver de seu algoz. Torceu o nariz ante o odor pungente de enxofre no ar. Encolheu-se toda diante do frio que ainda permeava o salão. Entretanto, mais atônita ficou ao ver-se livre de toda a dor. Suas mãos estavam intactas. As feridas em suas costas haviam sumido.

De repente, a criada reapareceu.

— Eu preciso sair daqui — disse-lhe a prisioneira, confusa. Sua voz era aguda e delicada.

A criada esquadrinhou rapidamente a cena. Um meio sorriso assomou seu rosto ao mirar o inquisidor caído. Decidiu-se:

— Vou ajudá-la. Venha comigo!

Sem compreender o que acontecera, mais do que depressa, a camponesa apanhou o que pôde da refeição sobre a mesa e fugiu atrás da outra jovem.

Por algum tempo, aquele reinado sem rei tornou-se o mais feliz de todos.

Diante das mortes misteriosas, os guardas abandonaram o castelo.

A corte do Rei Adolf III foi linchada pela plebe indignada.

A pilhagem dos bens dos nobres durou a noite toda.

Os pergaminhos de Kraemer viraram cinzas.

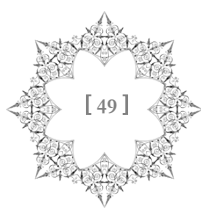
O seu crucifixo nunca mais foi achado.

As vítimas, enfim, descansaram.

NOTA DO AUTOR:

Para quem tiver curiosidade em ouvir o audioconto da história, ele está disponível no canal do YouTube "Contos e Desventuras":

https://www.youtube.com/watch?v=yWJ_MMjnBD4





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

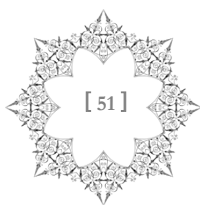
Vento que rende

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

A envolver tudo e todos
ventania que dos demais
ruídos, já parte se tornou.
Não se individualiza...
com som do mar e humanos
barulhos, se misturou.

Noite turbulenta... onde
as sombras são trevas
com místicos rompantes.
E o homem, se por sossego
e silêncio, procura, nada
encontra... só avessos entes.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Um dragão chegando

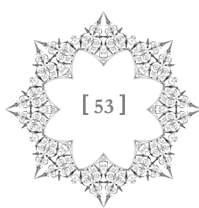
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Vislumbra-se a sua cabeça...
enorme... que avança...
e os céus que entrevejo,
encobre.

O resto, corpo e asas se tiver,
nem quero imaginar!
Os céus já sem
profundidade.

E eu, que de monstros
não gosto, mas confesso,
admiro... impotente
e retraída.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Ainda contam

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Aquela grande tribo, nas cercanias da floresta, ao longo do grande rio, tinha suas histórias para contar.

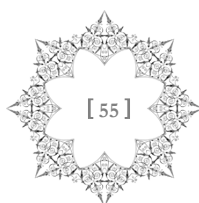
Para aqueles nativos, senhores daquela imensidão que se estendia, sem fim, nada era lenda. Tudo que contavam era vivência.

O pássaro negro que alto pairava, à noite, era um homem como eles, com algumas diferenças: mais alto, mais forte, olhos mais penetrantes, pele luzidia... e não dormia — pelo menos, não à noite.

Ao anoitecer, ele percorria a floresta como um raio e a tudo via. Ninguém passava por ele sem ser percebido. E se esse alguém tivesse más intenções, que fugisse rápido. Senão, viraria comida para jacarés.

Para os descendentes daquela tribo, o pássaro preto era e é um aviso:

— "Cuidado, estou à espreita!".





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Reflexo da maldade

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Era uma vez uma mulher muito má, que deu a si o nome de Bruxilda.

Ela era dada a vários malefícios pesados; feitiços de inúmeras variedades. Ela estava sempre à procura ou inventando poções ou dizeres malevolentes que pudessem prejudicar a quem passasse no seu caminho ou de quem sentisse inveja.

E o seu espelho enfeitiçado respondia a ela, como um servo. Com frequência, ela perguntava-lhe:

— Meu espelho escravo, quem é mais malvadamente competente do que eu?

Ao que o espelho respondia:

— Vós, minha malvada dona. Vós.

Um dia, depois de tanta maldade espalhada em todas as direções e até na direção do espelho, aquela perversa, ao perguntar ao espelho quem era a mais malvada na terra, o seu reflexo dentro do espelho, cheio de energia, respondeu:

— Sou eu, vossa bruxa velha. Vós esquecesteis que me fostes dando todo o vosso aprendizado e trabalho maléfico? Tomei o pior da vossa imagem e malefícios, e daqui, posso fazer horrores. Estou até pensando se cruzo a fronteira para a vossa realidade. E riu estridentemente.

Bruxilda foi pega de surpresa. Mas ela não era de aceitar superioridade de ninguém, muito menos da imagem no seu espelho.

Com um martelo, fez picadinho do mesmo — vidro e moldura. E depois, por segurança, acendeu uma fogueira com os pedaços.

Pensando bem, era melhor não ter espelho mágico do que ser traída pelo próprio fantasma.

Barbaridade!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A lenda da dama do lago

Por Sophia Rossi Barbosa Gallo

Nascida no noroeste paulista, passou a infância e adolescência junto com as irmãs em uma cidade pequena chamada Floreal: uma vila graciosa e carregada de histórias. Formou-se professora de inglês e atualmente é supervisora de ensino. É amante de livros de fantasias e aprecia ouvir música ao vivo em família, casada com Pedro Gallo e mãe da adolescente Elisa. Já realizou alguns sonhos e almeja ter algumas de suas histórias publicadas.

Era festa de São João na pequena vila afastada da capital. A noite gelada estava chapiscada de estrelas prateadas. O vento invernal balançava a fogueira crepitante levantando labaredas alaranjadas e fumegantes. As ruas estreitas coloridas de bandeiras de papel, crianças correndo, gritando seguidas de cachorros ladrando. Dentro do salão de festas, aglomerado de pessoas comendo frango assado e jogando bingo enquanto o animador iniciava o leilão. Era uma tradição de muitos e muitos anos, desde quando o primeiro forasteiro chegou e criou morada naquelas bandas. Todos os moradores estavam presentes para celebrar o santo, exceto uma família que acabara de se mudar. Motivo que causou estranhamento e falatórios entre beatas e pinguços.

A família chegou de repente, sem aviso ou autorização e logo se instalou em um casebre mal-acabado na divisa entre a vila e o bosque do esquecimento. Eram três: pai, mãe e uma menina moça, por volta de seus 13 anos. A garota de cabelos longos cor de cobre e pele alva pediu aos pais para ir à vila: a menina nunca tinha ido a festas, missas ou quermesses. Mas seus pais foram enfáticos e enérgicos! Disseram que ali não era lugar para sua família. A ruiva, desolada, deitou-se no catre e lá ficou ouvindo o choro das sanfonas e violas.

Por volta das 23h, agitada e sem consegui dormir, a garota escapuliu do casebre e fugiu pela estrada de terra batida. Caminhava de pés descalços e sem rumo, afastando-se cada vez mais da vila e do barulho. Sem se dar conta e hipnotizada vagava pelo bosque. Caminhou por um tempo indefinido por trilhas densas, estreitas e em alguns momentos escuras. Quando vislumbrou uma clareira circular, abobadada pelo azul celeste, ladeada por senhoras sequoias, ao centro imperava um sereno lago de águas mansas refletido de céu.

A menina demorou uns segundos para perceber que estava segurando a respiração, pernas ligeiramente frouxas, mãos trêmulas e dentro do peito as asas incansáveis do beija flor, olhos e boca escancaradas pela visão edílica que se descortinava a sua frente.

Avassaladora sensação etérea!

Armada de coragem, caminhou até a margem gramada do lago, acompanhada da serenata dos canários, pintassilgos, melros e rouxinóis: apesar do céu noturno. À superfície da água, flutuavam floradas nenúfares, aveludadas pétalas brancas de ventre amarelo repousadas numa cama de verde folhas.

Num instante, um silêncio ensurdecedor pairou. Pássaros, vento e folhas quedaram-se. Como magia, no centro do lago emergiu uma silhueta feminina vestida de água cristalina. Era a dama do lago!

De beleza e perfeição nunca vistas. Seus olhos penetraram profundo nos olhos da menina e iniciou um diálogo silencioso.

A menina viu-se navegando entre cânions profundos quando o véu da verdade abriu-se revelando os mistérios de sua alma. Findada a conversa, a dama do lago mergulhou. O vapor da água que lhe dava forma se diluiu, e simplesmente caiu no lago como se fossem milhares de gotas de chuva.

Atônita, não apenas pela magnificência do espetáculo que acabava de viver, mas sobretudo, por entender que o acaso não existe, que era o seu chamado, aquela voz que ouvia no coração desde a mais jovem infância e entregou-se a sua sina.

Quando de repente ouviu ao longe as doze badaladas do velho sino da igreja matriz. A festa acabara, praça, ruas e salão esvaziados.

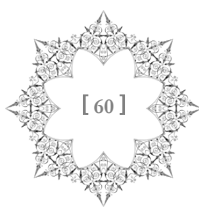
Silêncio e escuridão.

No dia seguinte, a neblina teimava em se dissipar, deixando um rastro de frio cinza pelas ruas desertas. Ninguém ousava levantar-se da cama. Era domingo. Apenas os jovens moradores de pé, percorrendo a cabana em busca da filha querida. A mãe de olhos chorosos chamava pela menina e em vão tinha respostas. Já na rua, ouviam apenas o som dos próprios sapatos batendo surdos pelo chão de pedras.

Foi quando os pais ouviram o sino anunciar a hora da missa, quanto mais próximos chegavam da praça, mais forte ouviam as badaladas do sino de bronze.

Seco, agudo e profundo, ressonante, um, dois, três....

Quando uma inesperada chuva de pétalas vermelhas tomou conta da vila, manchando de carmim telhados e cascalhos. Essa notável e estranha manhã transformou o pacato vilarejo para todo o sempre. A menina ruiva nunca mais foi vista nem na vila nem no bosque. Mas, conta a lenda que sua presença é sempre sentida em noites de São João.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI